

**A relação paterna enquanto influência nas escolhas amorosas
de Engraçadinha – personagem de *Asfalto selvagem*,
de Nelson Rodrigues**

Valéria Oliveira da Silva ¹

Raphael Bessa Ferreira ²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a influência paterna nas escolhas amorosas, bem como na conduta erótica de Engraçadinha – personagem imortalizada por Nelson Rodrigues no romance *Asfalto selvagem* – obra dividida em dois volumes. No entanto, para a análise que se pretende realizar somente o primeiro: *Engraçadinha – seus amores e seus pecados* (1994) será válido. E para embasar tal estudo serão utilizados autores como Luiz Felipe Pondé, que por meio de sua obra, *A filosofia da adúltera* (2013), reflete sobre os abismos que regem a condição humana; Sigmund Freud, através de suas *Obras reunidas* (2013) e Robertt Stoller, com *Perversão: a forma erótica do ódio* (2015).

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; *Asfalto Selvagem*; Engraçadinha; Conduta erótica; Escolhas amorosas.

Abstract: The present work aims to analyze the paternal influence in the amorous choices, as well as in the erotic conduct, of Engraçadinha - a character immortalized in *Asfalto Selvagem*, by Nelson Rodrigues - a novel divided into two volumes. However, for the analysis that is intended to perform, only the first part will be valid: *Engraçadinha - her loves and her sins* (1994). And to support this study will be used authors like Luiz Felipe Pondé, who, through his work, *A Filosofia da adúltera* (2013), reflects the abysses that govern the human condition; Sigmund Freud, through his *Collected Works* (2013); and Robert Stoller, with *Perversion: the erotic form of hatred* (2015).

Keywords: Nelson Rodrigues; *Asfalto Selvagem*; Engraçadinha; Erotic conduct; Love choices.

Considerações iniciais

Engraçadinha, personagem emblemática da literatura brasilei-

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: valeriagalerg@hotmail.com_

² Professor Assistente IV da Cátedra de Estudos Literários da UEPA. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Mestre em Literatura Brasileira pelo CES/JF. Graduado em Letras pela UNAMA. E-mail: ru-98@hotmail.com

ra apresentada por Nelson Rodrigues, em 1959, por meio da publicação de *Asfalto selvagem* (1994), exhibe em sua composição traços de um erotismo que enlaça a todos em suas relações e que reforça a opinião de Castro (1992, p. 300) de esta ser “a personagem mais erótica da literatura brasileira”. E assim, com base no comportamento e escolhas que são feitas pela personagem ao longo da obra, o questionamento acerca das origens de tais procedimentos surgem ao leitor, e é na estranha relação parental da menina que se busca a possível explicação para a postura assumida ao longo do romance. E é essa conduta adotada pela personagem, e que intriga o leitor, que constitui a justificativa do presente estudo, uma vez que, ao entrar em contato com a obra rodrigueana, o erotismo do qual se reveste a menina é o que salta aos olhos dos leitores, em primeira instância. O que viria a justificar a curiosidade e a busca de uma possível explicação para tal postura, fazendo da relação paterna um meio de se obter esta resposta.

Deste modo, cabe ao presente trabalho analisar a influência paterna nas escolhas amorosas, bem como na conduta erótica de Engraçadinha, fazendo, para isto, uso de autores como Luiz Felipe Pondé, que por meio de sua obra, *A filosofia da adúltera* (2013), reflete sobre os abismos que regem a condição humana; Sigmund Freud, através de suas *Obras reunidas* (2013) e Robertt Stoller, com *Perversão: a forma erótica do ódio* (2015).

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa, a mesma se desenvolverá da seguinte maneira: far-se-á um apanhado dos episódios infantis da vida da personagem, para, posteriormente, por meio da análise de tais momentos da trama, se obter a explicação para os acontecimentos, posturas e escolhas presentes na expressividade da figura feminina de Engraçadinha.

As escolhas enquanto fixações infantis: engraçadinha e os abismos na relação paterna

Sendo a infância um importante período no desenvolvimento humano, onde os acontecimentos e fatos acabam, muitas vezes, influenciando em comportamentos e escolhas futuras, Sigmund Freud (2013), a partir de seu artigo *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem*, discorre acerca dos motivos que levam o ser a adotar o outro enquanto objeto. Essas escolhas, de acordo com o psicanalista, teriam relação com fixações vindas da infância, ou justamente os fatos e acontecimentos que marcam este período. Assim, se pensarmos no caso da postura adotada pela personagem rodrigueana frente a seus objetos, bem como as sensações de volúpia despertadas nela a partir de aspectos perversos de seus enlaces – fato que se observa ao longo da obra – tais procedimentos teriam a ver, se adotada a premissa freudiana, com fixações advindas de sua infância, mais precisamente com a difícil relação paterna:

Atônito (e ao mesmo enojado) da própria violência, dr. Arnaldo senta-se na outra extremidade do divã. Engraçadinha continua soluçando. Agora, que não apanha mais, sente uma paz intensa, uma calma ardente. Mas na pele cortada a chicote, isto é, a cinto, persiste a sensação de fulgor. Passando a mão no nariz, olha o velho, de lado, furtivamente. Dir-se-ia que era um pai desconhecido, um pai inesperado, que ela via pela primeira vez. Dr. Arnaldo costumava dizer, com uma vaidade meio triste: – “Jamais dei um tapa na minha filha, um cascudo nada.”. Era verdade: – nunca! E apesar disso, ou por isso mesmo, **havia entre os dois um limite cortante, de ce-rimônia, de polidez ou, digamos a palavra exata, desamor.** (RODRIGUES, 1994, p. 85, grifos nossos).

A dificuldade existente no relacionamento parental se eviden-

cia por meio da distância estabelecida entre as partes envolvidas no enlace. É como se naquele ato de violência residisse o primeiro contato entre eles, por isso o estranhamento da menina em relação a conduta adotada pelo pai, que diferia da utilizada diariamente. E por meio do trecho acima é possível a visualização dessa pouca intimidade, e até afeição, que havia entre Engraçadinha e a figura paterna, a qual, pelo que se percebe, se mantivera afastada da menina:

Homem sóbrio, taciturno, fez com o sobrinho o que não faria nunca com a filha. Por várias vezes, abandonou o jeito austero e veio mudar a fraldinha do guri. Depois cheirava as mãos e ia lavá-las. **Com a filha sempre fora um contido.** Mesmo porque – digase de passagem – **a nudez de uma filha, ainda que de tenra idade, causava-lhe (coisa estranha!) um certo asco.** Uma vez foi até interessante. A mãe de Engraçadinha pôs o casazinho de primos na mesma banheira para o banho comum. Dr. Arnaldo soube e zangou feio:

– Tirando o pudor da menina? Ou será que você não tem consciência? Onde está a sua religião, mulher?

Era o caso de perguntar pela relação entre fé e a inocência óbvia da nudez infantil. Mas estava decidido que o dr. Arnaldo ia ficar sozinho com a filha e o sobrinho. D. Olímpia, que sempre fora uma senhora lânguida, melíflua, de pressão baixa, suscetível de nostalgias sem motivo – morreu de repente. Ele ficara com os dois e havia o cochicho mais ou menos universal: – **“Gosta mais do Sívio do que da Engraçadinha.”** (RODRIGUES, 1994, p. 38, grifos nossos.)

A raiz infantil do distanciamento entre pai e filha se evidencia acima, em que a postura austera e o temperamento religioso do pai não permitiam uma maior aproximação da menina. Além disso, pelo que se percebe, Engraçadinha tivera, desde muito, não somente a condição filial ignorada, mas o aspecto de sua nudez associado a um ideário profano, perceptível através do asco paterno frente ao des-

nudamento de seu corpo. Essa postura hostil em relação à filha se explicaria, talvez, por meio da religiosidade imbricada em seus pensamentos, que o faria enxergar na menina sua representação enquanto filha de Eva, aquela que por desobediência induziu o homem ao pecado e que por isso tivera não somente a expulsão do paraíso, mas toda sua descendência amaldiçoada.

E Engraçadinha, assim como a figura bíblica mencionada, transgrediu as restrições paternas a ela colocadas, sendo responsável por levar o primo/irmão a infringir os laços de compromisso com outra moça já firmados, ao se despir diante dele e vindo a manter, posteriormente, relação sexual. Fato que levaria não somente ela, mas a toda sua família, a degradar frente à violação dos interditos impostos. O pai, então, em virtude da descendência proveniente, aparenta amaldiçoar não somente a filha, mas o sexo do qual faz parte. É como se pressentisse, através da nudez da menina, a disposição erótica, que períodos depois, reconheceria nela:

[...] esse homem público, de uma afetividade escassa ou nula, fazia duas ou três exceções. Letícia era uma delas. Tinha-lhe afeto e, mesmo, admiração. Ele costumava dizer, com seu jeito grave e incorrigível: – “Letícia não é como as outras. Letícia é diferente!”. Em que consistia essa “diferença” só o mesmo poderia dizê-lo. Mas o fato é que ele julgava perceber na sobrinha uma certa “ordem sexual”. (Não sei se traduzo corretamente o pensamento do deputado; digo “ordem”, como poderia dizer “harmonia” ou, se quiserem, “disciplina”). Nas outras sobrinhas, **inclusive na própria filha, dr. Arnaldo sentia como que uma disposição voluptuosa.** (RODRIGUES, 1994, p. 67, grifos nossos)

Dr. Arnaldo, devido à conduta que julga adotada, demonstra afetividade e, até certo ponto, admiração pela sobrinha, pois a ordem sexual da menina é a mesma que desejaria encontrar, mas que, no

entanto, não enxerga na filha. O que reforça a opinião de que há na pouca afeição destinada à Engraçadinha certa relação com a descendência bíblica já mencionada, levando-o a reconhecer nela, assim como em outras sobrinhas, essa pré-disposição para o pecado, disposição esta não encontrada em Letícia, fazendo-a diferir das outras. E assim, o pai continua a se distanciar da filha, interditando, sempre que possível, o aspecto de sua nudez: “Desceu, com a camisola em cima da pele. Se o pai visse, havia de dar-lhe um passa-fora: – ‘Andando nua pela casa?’. Dr. Arnaldo não admitia e mandara mesmo uma das tias avisar à menina: – ‘Tem que dormir de calça!’.” (RODRIGUES, 1994, p. 41).

Conforme observado, o pai se mostra contrário à atitude de Engraçadinha e o distanciamento presente entre ambos se evidencia novamente através do pedido feito às tias de que deem o recado à menina, ou seja, não há, ao que parece, um envolvimento direto na educação filial, pois a ele cabe somente a imposição de limites que julga necessário à postura da mesma, não havendo, portanto, qualquer troca afetiva entre eles. O que justificaria talvez a conduta erótica de Engraçadinha, já que, de acordo com uma das máximas rodrigueanas (*apud* PONDÉ, 2013) para tentar explicar o adultério feminino, sexo em demasia seria falta de amor, ou seja, a mulher só trairia por não ser amada, “por isso, a adúltera representa o necessário fracasso de um animal atormentado por um desejo de amor sempre impossível. O pecado moral nasce dessa vontade esmagada.” (PONDÉ, 2013, p. 30). Desta feita, em decorrência da pouca afetividade paterna, há, pela menina, a busca por algo que supra esta ausência, e assim, como igualmente à adúltera, passa-se a adotar o sexo como substituto em suas relações, fazendo do outro um objeto cujo desejo se quer despertar: “Engraçadinha sentiu, ao passar, que todo o escri-

tório a olhava. Meses atrás, ela confessava a Letícia: – ‘Gosto de ser desejada’’. (RODRIGUES, 1994, p.65).

O apreço da menina em despertar interesse e ser objeto de desejo se explicaria então pela pouca atenção que lhe fora dispensada durante a infância, fato que lhe levava a adotar um posicionamento hostil em meio aos relacionamentos, pois a hostilidade, no universo das perversões, seria uma fantasia de vingança oculta nos atos de quem a consoma, e que serviria, portanto, para transformar um trauma de infância em triunfo de adulto (STOLLER, 2015). Sendo assim, o trauma infantil da menina com o abandono paterno é transformado em triunfo pelo interesse que desperta e o domínio que exerce sobre aquele com quem mantém o enlace, ou seja, agora Engraçadinha não mais é deixada de lado e se vinga da pouca atenção recebida por meio do desejo despertado, mantendo com o outro uma relação de domínio, em que passa a enxergar não pessoas, mas fantoches a serem manipulados (STOLLER, 2015):

Podia ter atravessado do banheiro para o quarto. Parou, porém. Sílvio apressa os passos. Engraçadinha não se move. Tem medo que venha alguém. Sílvio baixa a voz:

– Por que não abriu?

Tem os olhos do desejo e, com uma dor surda, imagina que ela veste o roupão por cima da pele. Engraçadinha responde:

– Por que não quis!

Gosta de vê-lo sofrer. [...] (RODRIGUES, 1994, p. 102)

A menina brinca com o desejo de seu parceiro, adotando frente a ele um comportamento sadista, em que o triunfo ao descaso paterno se dá por meio da satisfação obtida com o dano causado, consumando assim sua fantasia de vingança. E por meio dessa postura adotada pela personagem, de despertar e se divertir com o interesse

obtido, traços de um dom-juanismo são perceptíveis em suas ações, em que o apreço pela conquista é o que aparenta conduzir seu funcionamento:

Sílvio aproxima-se (Tão bonito!) e segura a noiva pela mão. Olhando para outro lado, Engraçadinha ouviu o rapaz sussurrar para Letícia:

– Linda!

Engraçadinha sorria, disfarçando a própria fúria: – “Bobão!”. Sentia-se muito mais bonita do que a prima. E erguia a cabeça – Os cabelos, em silêncio, desciam até os ombros. Ali, nas salas, tinha de tudo: – Feias, simpáticas, bonitas ou simplesmente passáveis. Mas não havia nenhuma tão linda. Todos a olhavam.

O Zózimo veio tirá-la. Sorriu para o noivo, num descontentamento cruel. Zózimo dançava mal e era tão sem graça! [...] **Cerca de meia noite, começou a desesperar-se: – todo mundo a tirava, menos Sílvio. Prometia a si mesma: – “Eu me vingó!”**. Finalmente, depois da meia-noite (era desejada por todos, menos por ele), vai busca-lo: – “Você não dança comigo?”. (RODRIGUES, 1994, p. 43, grifos nossos)

Letras
Escreve

(ISSN 2238-8060)

Engraçadinha não se conforma com a aparente rejeição sofrida, além da preferência que é feita pela prima – fato que se explica devido ao narcisismo exacerbado que há nela, resultado, quem sabe, de um complexo de Electra³ não efetivado – e, assim, a promiscuidade da menina se mostra em seu comportamento de querer a atenção de quem até então não conquistara, a do noivo da outra, a quem se dirige na intenção de estabelecer uma intimidade ainda não alcançada. E sua fantasia de vingança frente ao trauma sofrido é o que conduz, talvez, sua ação e o que explicaria, quem sabe, seu desespero diante da possibilidade de uma nova recusa. É como se a menina revivesse os episódios da infância, em que o descaso paterno se fazia presente. Deste modo, a personagem busca, por meio da conquista

³ Versão feminina do complexo de Édipo.

do objeto, vingança por aquele primeiro abandono, o do pai, e assim se vinga da figura deste e do mal que sofrera na infância através da possibilidade de obtenção de um novo enlace, pois, de acordo com Stoller (2015), a excitação e o júbilo das atitudes donjuanesca se encontram no esforço de superar a resistência dos parceiros, aparentemente relutantes, não mantendo qualquer interesse por aqueles de fácil acesso. O que explicaria talvez o interesse de Engraçadinha pelo primo e sua aversão ao noivo, cujo procedimento a exasperava:

Se alguém perguntasse a Engraçadinha: – “Por que Zózimo é teu noivo?”, ela não saberia responder. Agora mesmo, ao olhá-lo – sem ternura, nem pena – , ela experimentava um sentimento cruel de tédio. – “Chato”, repetia para si mesma. O rapaz senta-se a seu lado. Por um momento, Engraçadinha fecha os olhos e pensa, na sua irritação: – “Sua nas mãos”. E outra coisa que a exasperava: a humildade de Zózimo. Não se contavam as vezes que ela troçara de seus modos: – “Não se deve ser tão humilde. Você é humilde demais”. Então o rapaz, numa humildade ainda maior babujava:

– Eu tenho veneração por você!

Ela se crispava, como se aquela veneração a enojasse. Por vezes, o espicava: – “Você parece que gosta de se rebaixar. Eu grito com você. Pois reaja!”. Chegou a adverti-lo: – “Um dia, vou fazer uma experiência contigo: vou te dar uma bofetada. Mas olha! Se você não der outra, brigo contigo!”. O noivo abria os braços, numa incompreensão honesta e profunda: – “Você acha que eu vou te bater, Engraçadinha?”. (RODRIGUES, 1994, p. 59, grifos nossos.)

A menina se mostra contrária à veneração do noivo, pois o fácil acesso a seu objeto impossibilita os planos de vingança frente ao descaso que tivera na infância. Não há, portanto, uma barreira a ser transpassada e nada que lhe dê triunfo em relação ao trauma sofrido. Assim, o desejo do noivo não lhe é interessante: “De fato, o único desejo que a exasperava e, mesmo, humilhava era o de Zózimo.”

(RODRIGUES, 1994, p. 89). E a humilhação sentida teria explicação, quem sabe, no referencial paterno adotado pela menina, em que a austeridade e pouca afetividade nas ações dirigidas a ela seriam suas únicas recordações, e a figura humilde do noivo talvez lhe trouxesse a fragilidade de uma infância marcada por essas posturas e por um desejo infantil de afeto, que mais tarde se transformaria, se ainda adotada a máxima rodriguiana, na busca pelo sexo e pela transformação dessa ternura em algo triste, débil, de uma debilidade que não mais gostaria para si:

Sílvio continua:

– Eu amo você e não Letícia. Engraçadinha. Gostaria de gritar-lhe: “Não é isso, Sílvio! Não é isso”. Sonhava com uma violência que o rapaz agora lhe negava. [...] **Ah, não queria esse amor apenas terno, nem violento, nem cruel.** Correr num descampado, tropeçar e cair, levantar-se para cair novamente; e por fim, deitada, apanhar na boca – apanhar com as costas da mão na boca. **Oh, triste amor quando os dois querem e aceitam e não há então violência! Oh, triste amor quando o homem deseja e a mulher se oferece! E não poder dizer, simplesmente dizer: – “Eu quero ser violada!”** (RODRIGUES, 1994, p. 156-157, grifos meus)



Engraçadinha se frustra diante da afetividade demonstrada pelo primo. É como se a lascívia da relação se transformasse, a partir de então, em um prazer inosso (STOLLER, 2015), visto que a desumanização e hostilidade tão necessárias ao desejo de obtenção do objeto se desfazem diante do afeto demonstrado. Deste modo, Sílvio traz a humanidade de volta à relação no momento em que se declara para Engraçadinha, o que a faz fracassar em seu plano de vingança e triunfo frente ao trauma sofrido. Não havendo, portanto, nada pelo qual deva lutar ou simular resistência, e, assim, impossibilitando os sonhos de violência desejados e necessários, porque, de acordo com Pondé

(2013), as mulheres nas obras de Nelson necessitam disto para se sentirem amadas: “Ela gostava de Sílvio, tinha loucura por Sílvio. E acabava de ser ofendida e humilhada. Apesar de tudo – embora sofresse –, experimentava, ao mesmo tempo, uma espécie de euforia e, mesmo, de vaidade.” (RODRIGUES, 1994, p. 88). Engraçadinha se envaidece frente à humilhação sofrida, pois a materialidade amorosa se dá a partir dela e é por meio desses atos de violência que, segundo Pondé (2013) o amor tem maior realidade:

Agora, porém – por mais estranho que pareça –, o pai tinha a ilusão de que estavam mais unidos. Pensa: – “começou a gostar de mim. Já me tem amor”. Ou estaria enganado? Gostaria de observá-la sem ser visto. Repetiu para si mesmo: – “Só os que batem são amados pelas crianças e pelas mulheres”. Em vez de colocar o cinto, atira-o longe: – “Ela me chamou de papaizinho, pela primeira vez. Nunca me tinha chamado assim”. Ao bater na filha, julgara perceber, no seu olhar atônito, a sombra de um prazer selvagem. Gostou de ter medo! – E repetia com certeza fanática: – “A mulher gosta de ter medo!”. Ela apanhara e nunca sua boca fora tão voluptuosa. (RODRIGUES, 1994, p.85)



O pai nota, a partir da agressividade adotada, uma maior aproximação, e até certa afetividade, com a filha, e vê no comportamento tomado pela menina um meio de comprovar sua tese. Além disso, julga perceber durante a ação a sombra de um prazer selvagem no olhar de Engraçadinha, bem como um gosto ao sentir medo. O que caracterizaria uma necessidade de autopunição sentida em decorrência dos interditos paternos por ela ultrapassados, já que em comportamentos como os seus, em que a prática masoquista se faz presente, há, de acordo com Stoller (2015), essa carência de punição devido à culpa experimentada por esses limites transpostos. No entanto, trata-se de uma penalidade falsa, já que há a escolha e, portanto, o contro-

le pelo masoquista do ato que será desenvolvido, havendo, em meio a isso, certa gratificação: “Se eu morder Sílvio talvez ele me dê um tapa na boca!”. A ideia de apanhar na boca deu-lhe um prazer muito agudo. Oh, sentir medo diante do homem que derruba e subjuga!” (RODRIGUES, 1994, p. 156). Engraçadinha sente deleite com a possibilidade de apanhar na boca e certa satisfação ao ser subjugada, e essa postura imposto à personagem é necessária para que haja seu êxito final, pois precisa, mesmo que instantaneamente, abrir mão de seu poder, assumindo certa vulnerabilidade em meio à atuação, para que depois da pena executada este volte às suas mãos e possa finalmente triunfar frente ao ocorrido.

Deste modo, fica evidente a forte influência da relação paterna no comportamento erótico de Engraçadinha, residindo aí o porquê das escolhas amorosas da menina, visto que comportamentos e ações vindas de terceiros nesta primeira fase do desenvolvimento humano: a infância, são o que, por vezes, condicionam a postura e escolhas na vida adulta.

Considerações finais

Nelson Rodrigues nos apresenta, a partir de Engraçadinha, um ser de ações pautadas em acontecimentos passados e nos mostra isto a partir da postura adotada pela personagem ao longo da obra. E através da presente pesquisa foi possível visualizar a teia que se forma em torno do procedimento da menina, explicado por meio da relação que se estabelece com o pai e que viria a influenciar seu comportamento, bem como as escolhas objetivas feitas ao longo do romance.

Deste modo, o presente trabalho torna-se relevante pelo apanhado e costura que é feita acerca dos fatos passados e presentes na trajetória da menina, os quais viriam a justificar a conduta erótica

adotada pela mesma, tornando imprescindíveis para dar base à discussão os fundamentos de Luiz Felipe Pondé (2013), que através de sua obra reflete sobre a condição humana, tendo como fio condutor as obras de Nelson, o que contribuiu no desenvolvimento da pesquisa; Robertt Stoller (2015), que por meio de seu livro nos traz conceitos e aplicações de taras que regem a vida em sociedade, as quais puderam ser observadas no comportamento da personagem rodigueana; e Sigmund Freud (2013), que em seu artigo trata a infância como aspecto influenciador nas escolhas que são feitas sobre os objetos. Sendo assim, tais autores e obras foram indispensáveis para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa.

Referências

- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (1910). *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* [‘O homem dos ratos’], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.335-345.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *A filosofia da adúltera: ensaios selvagens*. São Paulo: LeYa, 2013.
- RODRIGUES, Nelson. *Asfalto selvagem: Engraçadinha, seus amores e seus pecados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- STOLLER, Robert J. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo: Hedra, 2015.

Recebido em 21/02/2017

Aceito em 20/07/2017

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 7, n. 4, 2º semestre, 2017